



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

OFICINAS DE RECURSOS DE TECNOLOGIAS ASSISTIVAS (ORTAS) COMO METODOLOGIA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UERJ)

SIMONE CONCEIÇÃO ESCOVINO RODRIGUES¹ -

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

EDICLÉA MASCARENHAS FERNANDES²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta o trabalho de conclusão final do curso de Licenciatura em Pedagogia de um estudo descritivo sobre as atividades realizadas no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial e Inclusiva (NEEI), da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Discute as conclusões das pesquisas realizadas pelo Projeto de Iniciação à Docência “Recursos, Adaptações e Tecnologias Assistivas para Educandos com Necessidades Especiais” (2010 e 2011), o qual possui como objetivo capacitar o bolsista para a confecção de recursos de acessibilidade utilizando as tecnologias assistivas que facilitam o acesso ao currículo.

O processo de inclusão de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) no ensino regular tem-se constituído como um grande desafio para a educação, exigindo a reestruturação das práticas de ensino em sala de aula, pois ainda há educadores que ficam sem saber como lidar com algumas situações, e a escola acaba por excluir alguns alunos, especialmente os com NEE.

A Educação Especial deve estar incluída no contexto da Educação Geral, este é o princípio da Educação Inclusiva, como afirma Glat (2007):

“A Educação Inclusiva significa um novo modelo de escola em que é possível o acesso e a permanência de todos os alunos, e onde os mecanismos de seleção e discriminação, até então utilizados, são substituídos por procedimentos de identificação e remoção de barreiras para a aprendizagem”.

A proposta da educação inclusiva tem sido nos últimos anos, cada vez mais discutida pela sociedade, sendo necessário refletir sobre as questões de uma escola de qualidade para todos,

¹ Pedagoga, formada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial Inclusiva (NEEI/UERJ). Rio de Janeiro / RJ, CEP: 20559-900, Brasil – simoneescovino@yahoo.com.br

² Professora Adjunta do Departamento de Educação Inclusiva e Continuada da Faculdade de Educação / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva (NEEI/UERJ) Rio de Janeiro / RJ, CEP: 20559-900, Brasil – professoraediclea.uerj@gmail.com



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

isso preocupa muito uma questão fundamental que é a formação docente. Com isso, para a educação inclusiva dar certo, para que todos os alunos possam aprender igualmente, independentes se tem alguma deficiência ou não, a participação do professor é indispensável, pois ele é responsável por todo o processo que envolve a educação, sala de aula e o aluno. Por isso, o professor precisa estar preparado para entrar em uma sala de aula e lecionar para todos os tipos de educando.

Portanto, para uma escola ser inclusiva ela deve oferecer um currículo flexível para a inclusão e participação efetiva de alunos com NEE em todas as atividades escolares; além de suportes necessários para cada um de acordo com a sua deficiência, criando condições adequadas para a sua convivência na escola e nas salas de aulas e com os outros alunos, proporcionando uma educação de qualidade para todos.

No referencial teórico estudamos textos, artigos e livros de diversos autores que pesquisam sobre a Educação Inclusiva, Formação de Professores e Tecnologias Assistivas, como: Fernandes (2008 & 2011), Glat (2007 & 2010), Lauand (2005), Manzini (1999), Oliveto (1999), Orrico (2008), Redig (2010), entre outros. Amparando-se também nas principais Leis que abordam o tema da presente pesquisa como: Portaria n. 1,793 (BRASIL, 1994); Portal de Ajudas Técnicas (BRASIL, 2007); Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2007) e na Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994).

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância e as possibilidades de uso dos Recursos de Acessibilidades através das Oficinas de Recursos de Tecnologias Assistivas (ORTAs), oferecidas nos cursos de Pedagogia e Licenciaturas, nas disciplinas “Educação Inclusiva e Cotidiano Escolar” e “Práticas Pedagógicas em Educação Inclusiva”, que são realizadas no Núcleo de Suporte e Ajudas Técnicas às Ações Inclusivas no Ensino Superior da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – (NUSAI/UERJ). Este estudo é uma pesquisa de metodologia quali-quantitativa, a partir de dados coletados e analisados por meio de um questionário aplicado e respondido por 24 graduandos participantes das ORTAs, durante o primeiro semestre de 2011.

Ao longo da história, a tecnologia vem sendo utilizada para facilitar a vida do ser humano, e para as pessoas com necessidades especiais esse pode ser o diferencial o possibilitará a ter uma vida próxima do “normal”. É um termo ainda novo que pode proporcionar à pessoa com deficiência maior independência, qualidade de vida e inclusão social, através da ampliação de sua comunicação, mobilidade, controle de seu ambiente, habilidades de seu aprendizado, trabalho e integração com a família, amigos e sociedade.

De acordo com o portal de ajudas técnicas do MEC:

“Tecnologia Assistiva (TA) é um termo novo utilizado para determinar um campo que engloba equipamentos, recursos e também serviços que promovam ao indivíduo, com deficiências ou incapacidades provenientes da idade, maior facilidade na realização de atividades, mantendo ou melhorando suas capacidades funcionais”. (BRASIL, 2007)



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

O processo que envolve a produção desse tipo de tecnologia é complexo e exige o trabalho de uma equipe multidisciplinar com pedagogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, engenheiros, psicólogos, entre outros profissionais. Estes devem estar atentos durante o processo de escolha e aquisição de um equipamento de tecnologia assistiva, avaliando as necessidades e peculiaridades do usuário, na tentativa de selecionar o recurso mais apropriado. Também podem participar do desenvolvimento de novas tecnologias, assim como o ensino e a utilização nos diferentes ambientes frequentados pelo usuário.

Segundo Lauand (2005), TA é uma variedade de itens e recursos que auxilia o indivíduo com deficiências, tais como softwares especiais, adaptações, rampas de acesso, barras de auxílio para equilíbrio, dispositivos eletrônicos, etc. A autora descreve vários tipos de classificação de tecnologia assistiva, neste trabalho adotaremos a relativa ao custo e funcionamento dos recursos. Assim, tais recursos podem ser classificados em: recursos de baixa-tecnologia (simples, não-elétricos e de baixo custo), recursos de média tecnologia (normalmente utilizam a eletricidade, mas não se faz necessário o uso de computadores) e recursos de alta-tecnologia (requerem sistemas computadorizados, operados através de programas de softwares especiais).

Como é apontado no item 64 da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva:

“As atividades do atendimento educacional especializado devem ser realizadas mediante a atuação de professor com formação para o atendimento educacional especializado que o habilite para o ensino da língua brasileira de sinais, da língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua, do sistema Braille, do soroban, da orientação e mobilidade, das atividades de vida autônoma, da comunicação aumentativa e alternativa, o desenvolvimento dos processos mentais superiores, dos programas de enriquecimento curricular, adequação e produção de materiais didáticos e pedagógicos, a utilização de recursos ópticos e não ópticos, tecnologia assistiva e outros recursos”. (BRASIL, 2007)

O professor deve obter uma formação específica para que possa atuar na área da educação inclusiva, adequando assim sua prática, lidando por tanto com as diferenças e fazendo com que se ampliem positivamente as experiências de todos os educandos dentro do princípio de educar para a diversidade. Pois como afirma Fernandes e Orrico (2008):

“A ajuda técnica para além de ser uma prótese, órtese ou uma adaptação tecnológica ela é corpo, é vida, e passará a fazer parte dos momentos mais íntimos da pessoa com deficiência, auxiliando-a neste redimensionamento, na redescoberta e na apresentação de possibilidades corporais até então desconhecidas. Neste sentido, ajuda técnica é acesso, acessibilidade, ponte para um reequilíbrio no mundo interno e para a manutenção da vida social da pessoa com deficiência. É ser humano que segue em sua existência, e vimos que alguns povos primitivos já perceberam bem antes de nós estas necessidades”. (p.42)



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

Com isso, é necessária a utilização, por parte dos professores, dos recursos pedagógicos especiais para atender às necessidades específicas dos educados com NEE, e neste contexto, o uso de TA acaba por auxiliar o acesso ao currículo e se tornou um recurso facilitador utilizado na inclusão e integração das pessoas com NEE.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi de natureza quali-quantitativa. Realizou-se uma pesquisa de campo para coleta de dados, onde o instrumento usado foi um questionário entregue para todos os alunos que participaram das ORTAs no primeiro semestre de 2011. O questionário era composto por questões objetivas, sendo que todas elas apresentavam espaços para comentários pessoais, sendo analisadas todas as respostas do mesmo.

As ORTAs são realizadas no NUSAI que é um núcleo da faculdade de educação onde há os Recursos de Tecnologia Assistivas (RTA), programas com leitura da tela para deficiência visual; Softwares, Impressora e Máquina de escrever em Braille; Regletes, Punções e Soroban; programas para confecção de pranchas de comunicação alternativa e outros. Esses recursos são utilizados principalmente para as áreas de necessidades educacionais especiais como: deficiência visual, deficiência auditiva, baixa visão, paralisados cerebrais e com dificuldades na comunicação, garantindo acesso, permanência e aprendizagem, confeccionando materiais didáticos adaptados e acessíveis aos estudantes com necessidades educacionais especiais na UERJ; e formação teórico-prática graduandos dos cursos de licenciatura da UERJ (Pedagogia e demais áreas) e formação continuada de profissionais que atuam com alunos com necessidades educacionais especiais, através de oficinas pedagógicas realizadas neste espaço, na perspectiva da Educação Inclusiva (OLIVEIRA, 2009; REDIG & GLAT, 2010).

Por meio das ORTAs são mostrados os RTA, como funcionam e são utilizados vários equipamentos, softwares e adaptações que são desenvolvidos para ajudar no ensino/aprendizagem de educandos com necessidades especiais, oferecendo suporte e contribuindo para a formação inicial desses alunos. Através das oficinas demonstram-se aos futuros docentes as possibilidades e a importância do uso de RTA, contribuindo para a formação desses alunos e proporcionando uma reflexão a respeito do uso desses recursos no processo de aprendizagem de cada educando com NEE, garantindo uma educação de qualidade para todos. (RODRIGUES, ESCOVINO & FERNANDES, 2011; ESCOVINO, RODRIGUES, FERNANDES, SERAFIM & SERPA, 2011).

Durante as ORTAs, é realizada uma aula de teoria e prática, um diferenciador na ementa das disciplinas. A cada semestre são oferecidas 05 ORTAs, onde cada uma atende em média 30 alunos por turma, numa média de 05 turmas, ou seja, as oficinas atendem, semestralmente, cerca de 150 alunos, dos cursos de licenciatura. No meado de cada semestre, são marcadas com todas as professoras das disciplinas, as datas e os locais onde elas serão oferecidas. De acordo com o cronograma das suas aulas, nessas datas, os bolsistas dos projetos, recebem os alunos da graduação para a realização das ORTAs.



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas:

- **Fase 01:** Elaboração do questionário – No primeiro momento foi elaborado um questionário semiestruturado, com 06 questões objetivas, contendo espaços para comentários pessoais, sobre as experiências de cada um nas Oficinas, para que sejam analisadas todas as respostas do mesmo.

A pesquisa foi realizada durante o primeiro semestre de 2011, num período de um mês, no mês de maio de 2011, com 05 turmas num total de 117 alunos, sendo duas turmas da manhã e três da noite, sendo uma turma (Turma 04) da disciplina "Educação Inclusiva no Cotidiano Escolar" do curso de Pedagogia de 08 alunos, (6,85%) e 04 turmas da disciplina "Prática Pedagógica em Educação Inclusiva" dos cursos das Licenciaturas, sendo uma média de 30 alunos (25,64%) das Turmas 01 e 02, 31 alunos (26,49%) da Turma 03 e 18 alunos (15,38%) da Turma 04, contendo uma média de 109 alunos, sendo (93,15%) dos (100%) alunos pesquisados que receberam os questionários e que participaram das oficinas nesse semestre.

- **Fase 02:** Entrega aos alunos e recebidos respondidos – No segundo momento foi repassado o questionário para os graduandos das turmas que participaram das ORTAs, no primeiro semestre do ano de 2011, todos por meio de entrega pessoal, e sempre depois de todas as oficinas e na aula seguinte das disciplinas. Depois foi dado um prazo para eles responderem e devolverem nas próximas aulas, num prazo de duas semanas.

A coleta de dados foi realizada sempre depois de cada oficina, onde eram entregues os questionários para todos os 117 alunos, participantes das ORTAs, sendo devolvidos nas aulas seguintes respondidos, nem todos que receberam os questionários devolveram respondidos, só 24 alunos devolveram o questionário respondido. Este dado indica que apenas (20,51%) dos alunos da graduação se dispuseram a participar da minha pesquisa. Dentre eles, uma turma (Turma 04) da Pedagogia, 06 alunos (25%) pesquisados da Pedagogia e 04 turmas das Licenciaturas, sendo 03 alunos (12,50%) da Turma 01, 02 alunos (8,33%) da Turma 02, 07 alunos (29,17%) da Turma 03 e 06 alunos (25%) da Turma 04, num total de 18 alunos (75%) dos alunos pesquisados das Licenciaturas, que receberam os questionários e devolveram respondidos e participaram dessa minha pesquisa. Entre os alunos participantes das oficinas que responderam os questionários, do curso de Pedagogia são 06 alunos (25%), e das Licenciaturas são 09 alunos (37,50%) de Letras, 02 alunos (8,33%) de Filosofia, 01 aluno (4,16%) de Ciências Biológicas, 01 aluno (4,16%) de Geografia, 01 aluno (4,16%) de Biologia, 01 aluno (4,16%) de Matemática, 01 aluno (4,16%) de Ciências Sociais, 01 aluno (4,16%) de Física e 01 aluno (4,16%) não colocou o curso, cursando entre 5º e 11º períodos, com idades entre 20 a 52 anos, sendo 07 (29,17%) do sexo feminino, 09 (37,50%) do sexo masculino e 08 (33,33%) não colocaram no questionário.



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

- Fase 03: Análise desse questionário – Na terceira etapa da pesquisa, foram analisados por meio de planilhas os questionários respondidos.

RESULTADO

Os resultados obtidos das respostas dos questionários de 06 perguntas analisadas serão mostrados através de um recorte das 03 principais perguntas, observações e relatos referentes a esta pesquisa.

Entre perguntas analisadas, a segunda foi “Você já tinha conhecimento sobre os Recursos de Tecnologias Assistivas e Acessibilidade ao Currículo no Núcleo de Suporte e Ajudas Técnicas às Ações Inclusivas – NUSAI/UERJ?” Nessa pergunta foi analisado a respeito de conhecimento sobre os RTA do NUSAI onde foram realizadas as ORTAs.

Segue abaixo as respostas dos participantes:

Respostas:	Números:	%:
Positivas:	02	8,34%
Médias:	02	8,34%
Negativas:	20	83,33%
Sem respostas:	0	0%
Total:	24	100%

Resposta à questão: Conhecimento sobre os RTA do NUSAI

Os dados levantados na questão acima demonstram que as respostas da maior parte dos estudantes entrevistados, (83,33%) foram respostas negativas, como mostram as falas abaixo:

“Eu tive conhecimento sobre os Recursos de Tecnologia Assistivas e Acessibilidade ao Currículo a partir da Oficina proposta pela professora Simone e na aula da Professora Annie. A partir de então comecei a entender como se processa.” (Aluno do 5º período do curso de Pedagogia)

“Não. Só a partir da disciplina “Educação Inclusiva”, tive acesso a essas informações.” (Aluno do curso de Letras)

“Não. Fiquei sabendo através dessa oficina.” (Aluno do 7º período do curso de Filosofia)

De acordo com as respostas, 83,33% dos alunos afirmam que não conheciam esses recursos e que só vieram conhecer através da disciplina, com as oficinas e que gostaram muito. As falas acima comprovam a grande importância que as oficinas têm dentro dessas disciplinas, pois as ORTAs têm funcionado como um diferenciador na formação dos graduandos da UERJ, proporcionando aos professores em formação acesso às novas metodologias, conteúdos e materiais de ensino que podem ser utilizados na sala de aula com alunos com NEE.

A quarta pergunta era “O que você achou da oficina pedagógica no NUSAI?” Nessa pergunta foi analisado sobre o que achou das ORTAs no NUSAI.

Segue abaixo as respostas dos participantes:

Respostas:	Números:	%:
Positivas:	24	100%
Médias:	0	0%
Negativas:	0	0%
Sem respostas:	0	0%
Total:	24	100%

Resposta à questão: O que você achou da oficina pedagógica no NUSAI:

Essa questão objetiva conhecer a opinião dos alunos sobre as ORTAs. Os dados são totalmente positivos, todas as 24 respostas, como mostram as falas abaixo:

“Achei super interessante, vi recursos muito proveitosos, que realmente auxiliam os portadores de Necessidades Especiais.” (Aluno do 5º período do curso de Pedagogia)

“Muito importante para a nossa formação!!! Foi ótima, pois conheci tecnologias que nunca havia visto.” (Aluna do 5º período do curso de Ciências Biológicas)

“Particularmente, gostei da oficina, pois possibilitou conhecer o funcionamento de alguns recursos utilizados por pessoas com NE, que até então desconhecia ou só ouvi falar.” (Aluno do 5º período do curso de Letras)

Esses relatos mostram que todos consideram muito importantes as Oficinas, pois tiveram a oportunidade de conhecer funcionamento de alguns RTA como softwares e equipamentos que facilitam a aprendizagem de alunos com NEE na sala de aula. Os dados revelaram também, que a maioria desconhecia, nem sabia que existia, e que vieram a conhecer através das oficinas e da disciplina, mostrando a importância desses recursos nos cursos de formação de professores, mudando até o olhar que alguns tinham com relação ao tema e das pessoas com deficiência.

A outra pergunta analisada era: “Após a oficina, você saberia buscar formas e usos das Tecnologias Assistivas no seu campo de docência no sentido de atender educando com necessidades educacionais especiais. Você consegue articular a Oficina prática no contexto teórico da disciplina. Por quê?” Nessa pergunta foi analisado se saberia buscar formas e usos das TAs na prática pedagógica e se conseguiria articular a oficina prática com a teoria dada na disciplina e por quê.

Segue abaixo as respostas dos participantes:

Respostas:	Números:	%:
Positivas:	14	58,33%
Médias:	04	16,67%
Negativas:	05	20,83%
Sem respostas:	01	4,17%
Total:	24	100%



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

Resposta à questão: Saberá buscar formas e usos das TAs na prática pedagógica e se conseguiria articular a oficina prática com a teoria dada na disciplina

Os dados trazidos são referentes à opinião dos alunos se saberiam buscar formas e usos das TAs na prática pedagógica e se conseguiria articular a oficina prática com a teoria dada na disciplina. Estes nos mostram que a maioria das respostas, (58,33%) são positivas, como mostram as falas abaixo:

“Sim. Sim, porque a oficina me mostrou as várias tecnologias a assim posso utilizar a mais interessante em cada momento da aula e dependendo da deficiência que eu trabalhe.” (Aluna do 5º período do curso de Ciências Biológicas)

“Consigo, porque a disciplina apresenta possibilidades de trabalhar os desafios apresentados.” (Aluno do 9º período do curso de Filosofia)

“Sim, Durante o curso foi proporcionado e elucidado diversas formas de aprendizagem a estes alunos especiais.” (Aluno do 6º período do curso de Física)

Os mesmos relatam que depois das aulas na disciplina e das oficinas, possuem conhecimentos necessários e várias possibilidades que auxiliam na aprendizagem desses alunos, podendo unir a teoria com a prática, ajudando a entender um pouco mais sobre a Educação Inclusiva.

DISCUSSÃO

Todos os dados e relatos da pesquisa revelaram que a maioria desses alunos, só aprendeu sobre o tema dessa disciplina e as importâncias das oficinas dentro da mesma. A grade curricular oferecida nas licenciaturas, quase não oferece suporte para trabalhar com alunos com NEE, e talvez precisassem de mais carga horária sobre a temática, mais ofertas de disciplinas em Educação Especial e Inclusiva na Universidade, para atender essas necessidades, além de proporcionar novas oportunidades de fomentos dos conteúdos, uma vez que uma só a disciplina não é suficiente para a compreensão do tema; como indica a Portaria Ministerial nº 1.793 (BRASIL, 1994).

Pude observar que a proposta de uma disciplina só nos cursos das licenciaturas pode não ser suficiente na prática, para formar docentes que sejam capacitados para atuarem com alunos com NEE nas salas de aula, pois alguns ainda não se sentem preparados para isso. Poderiam ter como alguma solução, as outras disciplinas dos cursos de Pedagogia e das Licenciaturas, também citar a vivência da criança com deficiência em suas disciplinas, como Didática, Processo de desenvolvimento infantil, Currículo, e outros, pois ela também faz parte do processo como qualquer outra criança, e não aprender sobre esse tema só dentro das disciplinas de educação especial e inclusiva, com isso ficaria mais fácil de aprender e colocar na prática na sala de aula. Como afirma Oliveto e Manzini (1999):

“Considera que os conhecimentos dados nas disciplinas de educação especial deveriam ser abordados nas diversas disciplinas dos cursos de pedagogia e



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

licenciaturas, e não como um conhecimento específico separado, ou seja, que a educação especial faça parte do contexto da educação.”

A questão é que os professores das disciplinas não foram também preparados, em seus programas de formação (Stricto Sensu), para de certa forma “enxergarem” os alunos com NEEs como público alvo da educação básica. Com isso, simplesmente os outros professores das disciplinas supracitadas, não abordam porque também não vivenciaram estes conteúdos em sua formação. Neste sentido, verifica-se que esta preparação deve ser uma preocupação da universidade brasileira, que terá ao longo dos próximos anos a preocupação com a formação continuada destes profissionais. Outro ponto seria também acrescentar esta disciplina um estágio obrigatório no atendimento educacional especializado na grade curricular das licenciaturas.

Com isso, dá-se maior importância à formação puramente acadêmica, em vez de favorecer a diversidade que é encontrada na própria sala de aula. Por conseguinte, os cursos de formação devem repensar a sua prática, incentivando ações pedagógicas interdisciplinares, propiciando um enriquecimento na formação geral, através de oficinas pedagógicas, entre diferentes áreas e disciplinas dos cursos universitários.

De acordo com a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), é a escola que deve se adaptar ao aluno, e não o contrário. Por isso, a inclusão promove uma modificação em todo o âmbito educacional, pois o cidadão com deficiência deve ser incluído independentemente de sua condição física, social ou intelectual. As pessoas com deficiências possuem qualidade e capacidades, assim como qualquer outro ser humano.

Para que a inclusão ocorra de fato, é necessário que existam espaços para discussão, pesquisa e produção de conhecimento em torno desta temática, pois o diálogo e a troca de experiências bem sucedidas são de extrema importância para os que aderem de fato à proposta da inclusão provem à sociedade que a inclusão das pessoas com deficiência é possível.

No entanto, nota-se que mesmo após quinze anos do advento da Declaração de Salamanca as dúvidas e os preconceitos ainda persistem e é por este motivo que o NEEI e NUSAI oferecem projetos, palestras, materiais e assessorias, para que a comunidade tenha acesso a essas informações. A inclusão é um processo que beneficia a todos, por isso, os projetos do NEEI e NUSAI trazem a intenção de sensibilizar não só os professores, mas também toda a sociedade para a promoção da inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais nas classes regulares. Através dessas atividades, buscam-se promover reflexões a respeito do preconceito ainda existente em relação à deficiência, presentes em nossa sociedade.

Com isso, entende-se que tanto o uso de adaptações curriculares no ambiente escolar, quanto à acessibilidade ao currículo, contribuem de forma direta para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais, e dessa forma, colabora para o desenvolvimento da comunicação dos mesmos com toda a sociedade, afinal promove e facilita a interação desses educandos, possibilitando que se expressem e troquem experiências com os demais.



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

CONCLUSÕES

Com esse estudo, identificamos por meio da análise dos relatos dos alunos, que os resultados obtidos com as oficinas pedagógicas no NUSAI, foram positivos e demonstram a importância da oferta das disciplinas e das ORTAs. Com as oficinas, os alunos tiveram a oportunidade de aprender sobre a Educação Inclusiva, de conhecer o funcionamento de alguns RTA, que a maioria desconhecia, e que passaram a vivenciar por meio das oficinas práticas durante a disciplina, propiciando maiores oportunidades de aprendizagem e também a capacidade de superarem muitos desafios para trabalhar em meio à diversidade do alunado.

É possível concluir que por meio desses conhecimentos adquiridos, eles podem utilizar esses recursos com suas turmas. Sendo assim, configurando-se como mediador da aprendizagem de seus alunos, não só com os com NEE, mas com todos, percebendo que além de ter uma aula dinâmica, criativa, o sujeito com deficiência, é tão capaz de aprender o conteúdo didático quanto os demais, possibilitando então, o acesso ao um currículo que pode ser adaptado com os novos recursos. Deve-se ainda considerar que grande parte dos futuros professores passou a compreender melhor sobre as individualidades educacionais de cada educando e da importância dos RTA na sala de aula.

Para acontecer uma inclusão escolar, que garanta o ensino e aprendizagem dos educandos, é preciso ter uma formação inicial que contemple a diversidade e os diversos recursos existentes. Para que a inclusão ocorra de fato, sem o desvio de sua verdadeira proposta, é necessário que os professores estejam preparados e capacitados para lidarem com essa realidade e, portanto o desafio para os cursos de formação de professores é uma reestruturação curricular em que se contemplem disciplinas teóricas e práticas cujo foco seja as práticas pedagógicas e adequações curriculares para atender as especificidades de todos os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Portaria n. 1,793 de 27/12/1994*: recomendação: Formação de Recursos Humanos in Educação especial. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/portaria1793.pdf>. Acesso: Março/2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Portal de Ajudas Técnicas. Tecnologia Assistiva: recursos de acessibilidade ao computador*. Brasília, 2007. http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ajudas_tec.pdf. Acesso: Abril/2012.

_____. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. 2007. Acesso: Março/2012. Disponível no site: <http://portal.mec.gov.br>.

ESCOVINO, S. C. R.; RODRIGUES, S. R.; FERNANDES, E. M.; SERAFIM, P. S. B. & SERPA, T. S. Oficinas de Recursos de Acessibilidade e Tecnologia Assistiva no Currículo das Licenciaturas da UERJ. In: *Anais do VI Congresso Brasileiro Multidisciplinar de*



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

Educação Especial (VI CBMEE) e V Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial, UEL, Londrina, 2011.

_____. *Oficinas de Recursos de Tecnologias Assistivas (ORTAs) como metodologia de formação de professores dos cursos de licenciatura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)*. Brasil, 2012. 68f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

FERNANDES, E. M. & ORRICO, H. F. *Acessibilidade e Inclusão Social*. Rio de Janeiro: Editora Descubra, 2008.

GLAT, Rosana (organização). *Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras, 2007.

LAUAND, G. B. A. Fontes de informação sobre tecnologia assistiva para favorecer à inclusão escolar de alunos com deficiências físicas e múltiplas. *Tese (Doutorado em Educação Especial) Programa de Pós-graduação em Educação Especial*, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2005.

OLIVEIRA, S. V. Suporte Suporte e Ajudas Técnicas às Ações Inclusivas no Ensino Superior: Formação dos Graduandos das Licenciaturas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. in: *Anais do V Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial*. Londrina: UEL, 2009.

OLIVETO, J. & MANZINI, E.J. Dificuldades de professores de pré-escola no trabalho de integração de alunos com deficiência. In: *MANZINI, E. J. (Org.) Integração de alunos com deficiência: perspectiva e prática pedagógica*. Marília: Unesp, 1999. Cap.2, p. 27-56.

REDIG, A. G. & GLAT, R. Núcleo de Suporte e Ajudas Técnicas às Ações Inclusivas no Ensino Superior na UERJ. In: *Anais do IV Seminário Nacional sobre Educação e Inclusão social de Pessoas com Necessidades Especiais: Inclusão escolar e Social – Novos Aportes e novos Contextos*. Natal: UFRN, 2010.

RODRIGUES, S. R.; ESCOVINO, S. C. R. & FERNANDES, E. M. Oficinas de Recursos de Tecnologias Assistivas para o Desenvolvimento da Comunicação Alternativa e Ampliada. In: *Anais do IV Congresso Brasileiro de Comunicação Alternativa (ISAAC Brasil)*, UERJ, Rio de Janeiro, 2011.

UNESCO. *Declaração de Salamanca*. 1994.